

Esporte, corpo e cultura surfe no litoral de Fortaleza

André Aguiar Nogueira¹

Resumo: Objetiva problematizar a articulação entre esporte, corpo e cultura entre os surfistas da Praia do Titanzinho, na comunidade popularmente conhecida como Serviluz, no litoral leste de Fortaleza. Historicamente, o surfe constitui uma prática corporal de longa duração, mas que atualmente passou a configurar principalmente como uma modalidade de consumo, esporte e lazer. A história do surfe também revela que diversas formas de concepção e intervenção sobre os corpos foram praticadas em distintas sociedades. A partir da análise das práticas corporais comunitárias, pretende-se problematizar algumas questões relacionadas à emergência dos chamados esportes radicais, sua inserção e apropriação cultural, sobretudo, entre o público jovem da periferia.

Palavras-chave: Surfe; Esporte; Corpo; Cultura; Comunidade.

Abstract: Objective problematize the relationship between sport, body and culture among surfers Titanzinho Beach, the community popularly known as Serviluz, on the east coast of Fortaleza. Historically, surfing is a corporal practice of long-term, but actually went on to set up primarily as a means of consumption, sports and leisure. The surfing history also reveals that different forms of design and intervention over the bodies were practiced in different societies. From the analysis of the Community body practices, we intend to discuss some issues related to the emergence of so-called extreme sports, their integration and cultural appropriation, especially among young people on the periphery.

Keywords: Surfing; Sports; Body; Culture and Community.

Sport, body and culture surf on the coast of Fortaleza

¹ Professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Faculdade Internacional do Delta (FID). Doutor e Mestre em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: andrepetpuc@yahoo.com.br

Em recente estudo realizado sobre a prática do surfe na Praia do Titanzinho², percorremos um longo trabalho de campo, realizando entrevistas³, visitando diversos locais de atividade e circulação de surfistas, tanto em Fortaleza quanto em outras praias do Ceará e do Brasil. Conversamos informalmente com diversos surfistas de vários locais e pudemos ver como a cultura surfe, apesar do discurso globalizado, se manifesta de modo diferenciado nas várias comunidades estabelecidas ao longo do litoral.

Observamos como nesses lugares a terra e o mar são efetivamente apropriados pelas culturas e que alguns territórios precisam ser respeitados pelos surfistas em determinadas áreas. Nesse universo, muitas vezes homens e mulheres nativos exercem poder ao se considerarem proprietários da área ou possuidores de direitos especiais sobre as ondas do mar. Surge, portanto, um senso de exclusividade, permeado de processos de exclusão e identidade, que marcam as interações humanas na natureza.

Historicamente, o surfe constitui uma prática corporal de longa duração, mas, atualmente, passou a configurar uma nova modalidade de consumo, que se consolidou, principalmente, como esporte e lazer. Apesar da longa história, o surfe hoje é sistematicamente apropriado na sua dimensão esportiva. Essa tendência tende a impregnar as expressões corporais, antes associadas ao ideal de liberdade, de normas e padrões compatíveis com as regras e o espírito das competições contemporâneas.

A história do surfe também revela que diversas formas de concepção e intervenção sobre os corpos foram praticadas em distintas sociedades. Elas indicam maneiras de educar que se constituíram em processos de inclusão e exclusão, identificação e negação de grupos e indivíduos. O esporte, portanto, surge como umas destas expressões temporais do corpo e cada vez mais aufere relevância em variados aspectos. Surge atualmente como modelo

²NOGUEIRA, André Aguiar. **Surfando nas ondas do Titanzinho**: Corpo, natureza, memória e cultura em Fortaleza (1960-2010). São Paulo, 2015. Tese de Doutorado em História Social do Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A Praia do Titanzinho está situada no extremo leste de Fortaleza. O termo é uma alusão ao primeiro grande espigão de pedras, o *Titan*, construído pela empresa portuária na década de 1960. Por volta de 1973, quando o segundo paredão foi erguido, ficou popularmente conhecido como *Titanzinho*, denominação que se estendeu à praia e a comunidade ao seu redor. A pequena praia entre os dois espigões ficou internacionalmente conhecida no fim da década de 1970 pela prática do surfe. Nesse período, apesar de ser localizada na periferia da cidade, sua orla sediou campeonatos nacionais e internacionais importantes. Trata-se de uma comunidade já estabelecida há mais de 60 anos, e que ainda hoje convive com a ameaça proporcionada pela especulação imobiliária.

³ Entre 2011 e 2015 foram gravadas 16 (dezesesseis) entrevistas com surfistas e outros moradores das praias de Fortaleza, principalmente do Titanzinho. Além disso, dialogamos e convivemos com vários surfistas, amadores e profissionais, jovens e veteranos, atualmente espalhados pelo litoral brasileiro e, mais especificamente, pelas praias nordestinas. A pesquisa de campo permitiu observar as particularidades da cultura surfe em diversas localidades. Na Praia do Titanzinho, as narrativas orais foram entrecruzadas com outras fontes de pesquisa como as revistas especializadas em surfe, os jornais de grande circulação, a legislação municipal, os documentos oriundos das associações e sindicatos locais, entre outros.

universal de organização das práticas corporais contemporâneas, constituindo uma forma específica de construção do corpo.

Entre outros aspectos, a valorização contínua dos esportes induziu a criação de espaços destinados e codificados para sua prática, assim como a veiculação de valores próprios e a venda de produtos de toda ordem decorrentes de sua massificação. Assim, existe um corpo *fabricado* e identificado com o esporte que ganha contornos cada vez mais nítidos na vida cotidiana de variadas comunidades humanas. (SOARES; BRANDÃO, 2012, p. 11-26)

No plano local, buscamos problematizar em que medida o surfe também se materializou como trabalho, estratégia política, ludicidade e cultura. Movimento histórico dinâmico e complexo, analisamos como a prática do surfe na praia do Titanzinho surge tanto em função da expansão global do esporte quanto em virtude das novas sensibilidades corporais relacionadas à natureza, elaboradas pelos trabalhadores do mar na contemporaneidade.

Convém ressaltar que, após as conquistas esportivas realizadas pelos surfistas locais, a prática do surfe se inseriu no esforço de reversão da imagem negativa que paira sobre a comunidade. A inserção na mídia esportiva, aliás, foi reiteradamente classificada como importante estratégia de desenvolvimento do surfe local. O desempenho positivo nos campeonatos esportivos, entre outros aspectos, promoveu a visibilidade de atletas pobres e anônimos.

É importante considerar que o *surf*⁴, do ponto de vista esportivo e comercial, tem matriz cultural essencialmente estadunidense. O inglês se configurou como língua oficial do esporte e quase todas as dimensões da comunicação e da linguagem estão impregnadas deste idioma. Incluem-se aí os anúncios, as marcas, a denominação das manobras, o formato de organização dos circuitos, os termos técnicos utilizados nas competições e até mesmo as gírias que circulam entre a *galera* do surfe. Nesse aspecto, a oralidade, a gestualidade e as expressões corporais desenvolvidas em cada lugar conferem singularidade aos processos de comunicação e identidade.

⁴O termo surfe, *surf* ou, ainda, *surfing* é originário dos termos ingleses *surf* e *surfing*. Apesar das variações, o substantivo *surf* pode ser traduzido como “arrebentação” (das ondas). O verbo *surf* refere-se tanto a prática esportiva (*surfboard*) quanto pode ser traduzido como “navegar” (na internet). Ver: *Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em 14 de jan de 2013. Ver também: <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/surf>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

O surfe como esporte

Convém ressaltar que são principalmente os livros não acadêmicos e as revistas especializadas que contam a história da evolução do surfe ao longo do tempo. De modo geral, esse material é produzido em inglês, sendo bem pouco traduzido para outros idiomas. Os primeiros relatos escritos sobre a prática do surfe são atribuídos ao navegador e explorador inglês do século XVIII, James Cook. Ao chegar ao Havaí, em 1777, o viajante admirou-se com a habilidade dos nativos que deslizavam sobre as ondas do mar. Os colonizadores e missionários europeus, no entanto, não tiveram a mesma visão e a versão primitiva do surfe começou a ser reprimida e quase desapareceu. Essa, no entanto, é uma atividade historicamente permeada por várias lendas e diversificadas versões.

Outros indícios apontam que o surgimento dessa prática ocorreu no litoral do Peru. Assim, os navegadores peruanos seriam os responsáveis pela disseminação do surfe nas ilhas polinésias. A expansão inicial desta prática, de todo modo, tende a vincular-se à Polinésia, constituindo uma antiga expressão cultural desse povo. Os havaianos, por sua vez, passaram a considerar o surfe como sendo o *esporte dos reis*, já que fazia parte dos hábitos diários da realeza. Neste período, tudo indica que esta prática estava diretamente associada ao misticismo, às ritualizações, ao sagrado e à liberação de energias. Descer nas águas configurava uma espécie de culto aos deuses tribais, um tipo de veneração aos espíritos do mar. Entre algumas tribos, consistia basicamente na celebração e na reverência às ancestralidades e à natureza.

Aos poucos, o caráter de culto e relaxamento corporal foi cedendo lugar ao entendimento do surfe como esporte moderno. Após a Olimpíada de Estocolmo, em 1912, quando um surfista havaiano se sagrou campeão de natação, o esporte começou a ganhar reconhecimento internacional. À época, o nadador Duke Kahanamoku aproveitou a fama olímpica para divulgar o surfe no mundo, introduzindo-o nas Américas e na Austrália. Seus feitos relevantes marcaram a trajetória do surfe contemporâneo e lhe concederam o título de *pai do surfe*.⁵ Assim, o esporte se popularizou inicialmente nos EUA na década de 1950 e depois dos anos 70 ganhou expressividade mundial.

No Brasil, os primeiros a utilizarem as chamadas *tábuas havaianas* vindas dos EUA foram os filhos dos exportadores de café da Praia do Gonzaga, na cidade de Santos, em fins

⁵ “Nascido em 1890, em uma rara família 100% havaiana, Duke tinha grande aptidão para o mar, natural traço ancestral polinésio. Desenvolveu jovem uma técnica peculiar de natação (...).” Ver: <http://www.datasurfe.com.br/2008/09/duke-kahanamoku-1890-1968.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2012.

da década de 1930. Foi no Rio de Janeiro, entretanto, cidade já famosa pela bela e exótica paisagem que misturava mar e montanha, que o surfe cresceu e se consolidou. Inicialmente praticado na Zona Sul carioca, o surfe contaminou o resto do Brasil e hoje é um dos esportes mais praticados no litoral brasileiro.

O desenvolvimento do surfe como esporte culmina em 1965 com a fundação da Federação Carioca de Surfe. Nesse período, são realizados os primeiros campeonatos e inauguradas lojas especializadas. A melhoria dos equipamentos, aliada ao crescimento do esporte como um todo, levou muitos adeptos a experimentarem outros materiais de maior apelo tecnológico. O surfe foi finalmente reconhecido pelo Conselho Nacional de Desporto em 1988. Depois disso, não parou de crescer o número de locais e de praticantes espalhados pelo Brasil. No final dos anos 1980, o surfe brasileiro começou se firmar no cenário internacional como uma grande potência. Pouco tempo depois, os atletas da nova geração começaram a competir em melhor igualdade de condições com os estrangeiros nos circuitos mundiais.

Hoje o surfe é um dos esportes náuticos mais praticados no mundo. Movimenta pessoas e negócios em diversos estados brasileiros. O esporte chegou também às praias do Ceará, principalmente após os anos 1970. Aos poucos, a cidade de Fortaleza ganhou novos espaços e adeptos, mas ainda com pouca expressividade em relação a outras cidades litorâneas, como Florianópolis, na qual se estima a média de um surfista praticante para cada grupo de vinte moradores.

Além disso, o País possui uma população expressivamente jovem que, se aliando a fatores como o apelo à ecologia e o crescimento do turismo, permite vislumbrar uma participação cada vez mais frequente dos jovens nas diversas modalidades do esporte. Atualmente, por exemplo, a criação de ONG's, escolinhas e outros projetos sociais contribuem para o emprego do surfe como processo de inclusão social, auxiliando direta ou indiretamente outras áreas educacionais.

Nesse contexto, o surfe participa da *esportivização* da sociedade. Em alguns espaços, o esporte passa a ser o conteúdo dominante em detrimento das outras manifestações da cultura corporal. Há um reconhecimento das possibilidades pedagógicas do esporte, bem como a possibilidade de ocupar o tempo dos jovens com uma diversão *sadia*. Predomina ainda a tendência de considerar o esporte como mecanismo do controle social da juventude, visando dominar os impulsos violentos e produzir novas sociabilidades.

Esporte, Corpo e Cultura

Historicamente, o esporte moderno emerge como um discurso especializado e normativo que visa a “(...) uma educação específica do corpo que ultrapassa e alarga seu território de ação, de intenção e, sobretudo, de intervenção, transformando-se em pedagogia, em técnica, em política” (SOARES; BRANDÃO, 2016. p.03)

A transformação de práticas corporais em esporte é possivelmente uma das formas mais esmagadoras de massificação de gestos e de comportamentos do nosso tempo. A lógica da cultura esportiva gradativamente se impõe como espetáculo, exigindo diversos cuidados, sugerindo condutas e preconizando a manutenção do treinamento severo do corpo.

“Treino cinco horas de surfe por dia e duas horas de academia, com musculação. Não posso faltar, é regime militar (...) os resultados que estão aparecendo têm tudo a ver com esses treinos” (HARD CORE, 2007, p. 14.), enfatizou o competidor da praia do Titanzinho Lucinho Lima. Entre os atletas profissionais e amadores do surfe, o desempenho físico visando à competição esportiva, de certa forma, se estende a outras esferas da vida e do cotidiano, repercutindo na comunidade em geral. O modelo esportivo disciplinado muitas vezes invade escolas, fábricas, associações de moradores e os lares, ocupando espaço central nas sociabilidades locais; passa a mediar aspectos relacionados à saúde, ao consumo, a convivência coletiva e ao imaginário social.

Nesse sentido, o universo esportivo cria seus heróis consagrados, mitos que de vários modos invadem as múltiplas esferas da vida pública e privada. No caso do surfe, os campeonatos realizados pelas associações profissionais e pelos grandes patrocinadores tendem ao apagamento das ambiguidades inerentes ao esporte como prática social, passível de apropriações distintas. A violência, as lesões, a corrupção, a trapaça e a frustração da maioria dos que de fato não vencem, quase nunca fazem parte do espetáculo esportivo. Torna-se, portanto, difícil resistir ao poder e a sedução do esporte como modelo universal de organização das práticas corporais contemporâneas.

Na praia do Titanzinho, muitas vezes, a substituição quase automática do termo “surfe” por “esporte” foi observada nas narrativas orais, tanto de surfistas quanto dos demais moradores. Esse aspecto em particular revela como a prática corporal é cada vez mais entendida, ou confundida, somente como sinônimo de modalidade esportiva. Desse modo, elaborar outras possibilidades de entender as práticas corporais fora do conceito e da lógica esportiva constitui um desafio para a pesquisa acadêmica. Muitas vezes, porém, as

apropriações locais podem configurar uma experiência de resistência à lógica do esporte, problematizando a ampliação dos seus domínios. Os usos e as formas de reutilização dessas práticas pelas diversas populações nativas, muitas vezes, ignoram a subordinação dessas atividades à lógica esportiva, baseada no controle do corpo e na ausência de liberdades.

O surfe é prática corporal mais complexa e cujos sentidos atribuídos pelos sujeitos são diversos. Deslizar sobre as águas do mar constitui uma prática repleta de significações, uma espécie de ritual que se realiza na dinâmica da relação entre o ser humano, a natureza e a tecnologia. As possibilidades de resistência decorrem, inclusive, da sua experimentação em espaços não totalmente institucionalizados.

As águas do mar e suas sensações cenestésicas proporcionam outras experiências corporais que não podem ser simplesmente submetidas às regras das competições desportivas. Apesar da ampliação do desejo da conquista de títulos e campeonatos, a relação do mar com o corpo tem significados distintos, muitos dos quais oferecem recusas a se transformar em esporte. Por isso, o *estado de espírito* da gente do mar revela também um modo de ser baseado noutros ritmos de vida e que não precisam, necessariamente, estar vinculados à competitividade. A instituição esportiva, seus arranjos e poderes, hoje, se insinuam no seio de quase todas as práticas corporais, mas, apesar disso, “(...) o corpo permite falar também de uma contracultura corporal vislumbrar outras narrativas e experiências de subjetivação” (SOARES e BRANDÃO, 2012, p.14.)

Em Fortaleza, o desafio foi explorar e problematizar o surfe tanto como esporte quanto como prática corporal mais ampla, já que, na vivência concreta, não se trata de atividades da mesma espécie. O esporte é uma forma de organização específica das práticas corporais, mas não a única. As categorias do esporte muitas vezes *invadem* práticas corporais como o surfe, o *skate*, a capoeira, e tantas outras, pois intenta *colonizá-las* em favor dos seus interesses. Parte dessas práticas é permeável a esta dimensão esportiva, enquanto outras partes resistem ao seu aprisionamento. Essa distinção, entretanto, não é fácil. Como prática social, as motivações para a adesão ao surfe tendem a se constituir, a se misturar e a se dissolver de acordo com um conjunto diversificado de variáveis. Nesse aspecto, foi fundamental focalizar aquilo que ainda resiste, ou seja, entrever no cotidiano e nas experiências de vida dos diversos sujeitos a parte do espetáculo menos visível.

Os esportes radicais

É importante ressaltar que os esportes atuais nas suas origens mais remotas surgiram como uma das relações básicas entre homem e a natureza. A prática esportiva no meio natural, entretanto, foi assumida como modalidade com identidade própria com o aparecimento do surfe. Desde então foram surgindo outras denominações para os esportes vinculados ao meio ambiente, como esporte de aventura, esportes radicais e eco esporte. Estas novas interpretações das práticas esportivas, ampliadas em diversas modalidades, possibilitaram um novo patamar de compreensão do esporte.

Nessas circunstâncias, o esporte vai além das suas relações históricas com a natureza e alcança sua renovação no ambiente urbano. Além disso, suas conexões se ampliam, à medida que passa a constituir diversos vínculos com o turismo e outros mercados que se expandem em escala mundial. O chamado ecoturismo encontra-se associado à prática esportiva, inclusive urbana, revelando que a superação das suas origens *naturais* teve maior impacto na área mercadológica. Observa-se atualmente que todos os anos novos produtos esportivos são desenvolvidos, atingindo um público que nem sempre dispõe de condições de frequentar os ambientes para os quais eles foram idealizados.

Os esportes de aventura são vistos como práticas criadas da ruptura com as práticas convencionais. Assim, remanejam elementos dos esportes anteriores, dando-lhes novas configurações e sentidos. O surfe tipifica essa mudança no imaginário social, já que o esporte tende a se projetar como um estilo de vida diferenciado e um elemento de identificação cultural mais amplo.

Na perspectiva do surfe moderno, portanto, faz-se importante entender a proposta dos chamados “esportes radicais”, ou “esportes californianos”⁶ que surgiram mais precisamente no litoral da Califórnia na segunda metade do século XX. Diferentemente das práticas esportivas mais tradicionais, essas novas modalidades trazem consigo uma noção de esporte

⁶ “São dois os nomes pelos quais ficaram mais conhecidas essas novas atividades físicas: Esportes Californianos e/ou Esportes Radicais. O primeiro diz respeito à geografia, pois pelo fato de terem sido inventadas ou desenvolvidas com maior rigor na Califórnia/EUA, deu-se ao conjunto delas o nome de Esportes Californianos. Já o segundo termo localiza mais as fortes excitações que tais atividades provocam em seus praticantes, por isso, o nome Esportes Radicais, sendo também possível encontrar algumas variações como Esportes de Ação ou Esportes Extremos (*Extreme Sports*).” BRANDÃO, Leonardo. *A introdução dos esportes californianos no Brasil*: apontamentos para o início de uma discussão. *Fronteiras*:Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 327-348, jan./jun. 2009, p. 7.

identificada com ato de escorregar, baseada, portanto, na adoção de um novo ideal de fluidez e de leveza.

Quando o surfe surge nos anos 1950, aparece como prática cultural renovada por essa geração californiana de cabelo dourado, com expressão própria e capaz de escapar da austeridade característica desse período. Nesse sentido, a cultura surfe constituiu processos de adesão e resistência às novas concepções e usos do corpo. Paradoxalmente, mesmo na sua condição de espetáculo esportivo, o surfe insiste em manter um aspecto de fuga, da prancha capaz de fazer voar sobre as águas do mar.

O que diferencia mais precisamente os esportes modernos dos anteriores não é propriamente o conjunto de modalidades praticadas, mas sim a natureza e a finalidade destas práticas. Os esportes modernos revelam grande estrutura jurídico-organizacional, ramificações internacionais, regras precisas e aperfeiçoamento constante dos atletas em busca de recordes nos melhores campeonatos.

Nesse contexto, a tecnologia contribui para modificar a percepção sobre os espaços, os corpos e os gestos. Com a transformação de várias modalidades esportivas em shows monitorizados e sustentados por uma vasta gama de empresas, os problemas imprevisíveis que ameaçavam a perfeição do espetáculo, por exemplo, tendem a ser controlados, minimizados ou mesmo evitados, garantindo melhoria constante de cada visualização esportiva.

Operou-se, assim, uma mudança no antigo ideal de força e beleza já que o novo charme corporal apela agora para a leveza e a flexibilidade. O atual valor atribuído à leveza dos corpos e seus movimentos indica, entre outras coisas, que as sociedades modernas valorizam cada vez menos a gordura e as pessoas muito pesadas: “No tempo em que os ricos eram gordos, uma rotundidade razoável era muito bem vista. Ela era associada à saúde, à prosperidade, à respeitabilidade plausível, mas também ao capricho satisfeito” (FISCHLER, 2005, p. 68). Desde os anos 1950, no entanto, principalmente nos Estados Unidos, se transformaram sensivelmente as relações do homem com o seu próprio corpo, começando-se a ver na estética corporal, de modo mais acintoso do que em tempos anteriores, um signo fundamental de beleza e poder.

A beleza e os charmes do corpo flexível, que durante décadas esteve mais associado à graça feminina do que à força masculina, foram amplamente reconhecidos com o advento dos esportes californianos. A flexibilidade corporal ganhou espaço, renovando a concepção dos usos musculares.

Por isso, nesses esportes, utiliza-se constantemente o emprego de verbos que tentam evocar o prolongamento de sensações de prazer do corpo em relação à natureza. Busca-se o controle do conjunto dos movimentos, tais como voar, escorregar, deslizar e equilibrar. É somente na primeira impressão, contudo, que os esportistas californianos são mais despojados tecnicamente do que aqueles que praticam exercícios em espaços fechados e artificiais. No aparente despojamento do corpo de um surfista, se concentra um conjunto de mediações técnicas extremamente precisas e desenvolvidas.

No surfe competitivo, a referência não é a quantidade, mas a qualidade das manobras. Técnica, inovação, criatividade e radicalização constituem o estilo expresso na performance corporal que cada surfista busca no seu surfe. Os jovens desenvolvem um controle minucioso do corpo; treino e preparo técnico regulares para executar as manobras mais radicais e, portanto, as mais valorizadas pelas regras das competições. Embora não haja uma pontuação específica, universalmente atribuída para cada manobra, o critério utilizado para classificação das ondas se alinha aos ideais de leveza e flexibilidade do corpo que desliza sinuosamente na água.

Vale ratificar, porém, o fato de que os elementos naturais não são fenômenos estáticos, pois se precisa manter uma sintonia do recurso natural com o funcionamento dos instrumentos esportivos. O esporte, por isso, depende da composição entre natureza, corpo e tecnologia. Nessas modalidades o desejo de enfrentar o adversário, por exemplo, é parcialmente substituído pelo prazer de enfrentar, ou pelo menos estar, com a natureza. Convém ressaltar que entre a natureza, o corpo e a técnica derivados dos esportes radicais não há somente relações harmoniosas, mas também uma miríade de tensões, disputas e diferenças nem sempre sensíveis ao primeiro olhar, pois nem sempre são devidamente historicizadas e pouco submetidas à análise mais etnográfica.

O surfe na Praia do Titanzinho

Durante muito tempo a história e a memória do povoado que deu origem à comunidade Titanzinho se constituiu como sendo a de um vilarejo de pescadores. Antes do advento do surfe, os pescadores costumeiramente constituíam o grupo de trabalhadores que dependia de modo mais direto do mar como fonte de sobrevivência. Cabe considerar, portanto,

que as crianças nascidas à época da primeira geração de surfistas cresceram quase todas na beira da praia, brincando nos arredores do porto.

Pulando sobre as pedras dos espigões, nadando entre os barcos ancorados ou correndo na areia frouxa, a garotada passava o dia todo praticamente na orla. A praia era praticamente o único espaço de moradia, trabalho e lazer daquela gente. Os jovens tendiam a aprender, na beira da praia mesmo, algum tipo de ofício. As habilidades, nesse caso, surgiam da execução de pequenas tarefas necessárias às viagens dos barcos e jangadas rumo ao mar. Nesse contexto, trabalho e lazer facilmente se confundiam.



Vista Panorâmica da Praia do Titanzinho em Fortaleza. Fonte: Proposta de Tombamento da Paisagem Cultural do Titanzinho, CPHC, SECULTFOR, PMF, 2010.

No fim dos anos 1970, porém, ocorreu a migração de uma quantidade e uma variedade bem maior de trabalhadores. Especialmente dedicados à realização de profissões urbanas, esse

contigente proporcionou um inchaço populacional repentino, que transfigurou o espaço da praia e as tradições locais, ocasionando problemas sociais diversos.⁷

À medida que a especulação imobiliária e o capital industrial constantemente forçaram os deslocamentos populacionais, a luta comunitária contra essas remoções exigiu novas estratégias de mobilização e resistência. No desenvolvimento da experiência urbana, o surfe inrrompeu como elemento fundamental nesse ambiente, renovando as tradições culturais, produzidas na tensão entre uma prática universal e suas apropriações no contexto local.

Residindo sobre uma localização geográfica atípica, abundante e ao mesmo tempo selvagem, os moradores desenvolveram diversas estratégias de sobrevivência. Constituíram traços culturais e organizaram o cotidiano dentro das possibilidades históricas, dadas tanto pelo meio natural quanto pela intervenção provocada pelo homem na natureza.

Por meio do surfe, entende-se que a cultura constituída no local não possui caráter estável ou imutável, mas que, em muitas ocasiões, ela resiste ao fluxo homogeneizante do universalismo com temporalidades distintas. Seu conteúdo político, portanto, não é fixo ou determinado por um conteúdo essencial, mas se constitui na articulação de forças que emergem em diversos locais. Ao longo do tempo, a emergência de novas práticas sociais se tornou uma necessidade concreta. Nesse contexto, o surfe e suas múltiplas dimensões e formas de apropriação, passaram a ser um dos principais componentes que permeiam a identidade e a cultura local.

Observa-se que apesar do crescimento do esporte no Brasil, e mais especificamente no Nordeste, o surfe profissional no Ceará não possibilita aos seus praticantes grandes oportunidades de seguir a carreira vivendo no próprio Estado. Assim, a maioria dos surfistas profissionais do Titanzinho, por exemplo, já foi ou quer ir passar uma temporada no Sul do País, pois eles sentiram ou sentem as dificuldades de se firmar no cenário competitivo. Falta de patrocinadores, pouca visibilidade na mídia esportiva local, precárias estruturas nas competições, omissão das políticas públicas e dos representantes do esporte, péssimas premiações, são algumas das queixas mais recorrentes entre os surfistas locais.

No caso do surfe profissional, principalmente no Nordeste, os atletas geralmente não mantêm qualquer vínculo empregatício com os seus patrocinadores. Os frágeis contratos são desfeitos com a não obtenção de títulos ou simplesmente de acordo com a conveniência dos

⁷A comunidade Titanzinho está inserida no bairro Serviluz em Fortaleza. No decorrer dos anos 1980 essa área já apresentava uma população estimada em cerca de 18 mil habitantes. Hoje, pesquisa das associações de moradores afirmam que o bairro tem cerca de 30 mil pessoas.

empresários. Resta o difícil desempenho das competições como a chance de sobreviver de pequenas premiações.

Para alguns entrevistados prevalece notadamente o desejo de ascensão e inserção social que o esporte pode proporcionar. O depoimento de outros surfistas da Praia do Titanzinho, entretanto, sugeriu que a deficiência socioeconômica local deveria ser superada pela utilização racional do ecossistema, baseada na mediação da consciência dos valores humanos com a natureza. Por isso, foi preciso deslizar nas histórias de veteranos e novatos, profissionais e amadores, que descobriram novas formas de trabalho no mar, inventando outros modos de ganhar a vida na arrebentação.

Entre outros aspectos, o surfe emergiu também em termos de estratégias de negociação. O simples conhecimento das variáveis locais torna-se de suma importância no contexto de relacionamento com os surfistas *de fora*. Compete reconhecer, portanto, que foi somente com a dimensão esportiva que os meninos do lugar começaram a conhecer pranchas de fibra, roupas, equipamentos e outros acessórios de elevado custo que permeiam esse universo. Desse modo, problematizamos o mundo do surfe como um espaço potencial para hibridações e negociações culturais entre locais e estrangeiros.

Ao esporte de competição, porém, não interessava ao surfista estar associado à imagem da favela perigosa e violenta. Mas o ambiente comunitário permitiu a ascensão da prática do surfe, já que tanto o mar quanto as condições sociais eram por demais estimulantes. Culturalmente, a antiga comunidade de pescadores parecia estar disposta a assumir uma nova identidade vinculada ao surfe.

As iniciativas de socialização do conhecimento foram fundamentais para a evolução do surfe na localidade. Assim, a abertura de pequenas escolas de surfe, muitas vezes improvisadas, surgiu como estratégia para democratizar as chances de acesso ao esporte e surtiu um efeito multiplicador. Reconstituindo e ressignificando um conjunto bastante vasto de heranças culturais, surfistas e outros personagens passaram a experimentar situações de vida comunitária. Quando identificados e partilhados, esses sentimentos e interesses comuns são capazes de gerar articulações sociais como processos históricos fundamentais.

Com o passar dos anos o surfe conquistou espaços, se popularizou e se profissionalizou, desconstruindo, relativamente, à visão marginalizada do passado. A crescente dimensão esportiva, entretanto, não suprimiu totalmente aspectos como o lúdico e o jogo. Com o surfe, esses jovens buscam realizar práticas agradáveis de excitação, relaxamento e realização. O surfista, além da dimensão profissionalizante, busca realizar a sua condição de

liberdade, mesmo que temporariamente. O surfe interage de modos diversos com os dilemas que marcam o cotidiano de trabalho e violência, prazer e alegria que perpassam a vida diária.

Assim, o surfe suscita também a leveza do tempo e do espaço. A sensação de adrenalina permite uma ruptura com o determinado, produz a dúvida e a sensibilidade em face das múltiplas possibilidades de encarar os perigos e mistérios do mar. O surfe explora o sentido do limite físico, imaginativo e simbólico do corpo. No surfe, entendido como brincadeira, há espaço para a solidariedade e para a aprendizagem coletiva. Com efeito, todos podem ser considerados vencedores. O surfe emerge como possibilidade de criação e interação dos surfistas entre si e das pessoas com o mundo natural. Por exemplo, a perspectiva do surfe como uma espécie de terapia natural surge intensamente nas narrativas, sendo um significado compartilhado entre quase todos os surfistas.

Portanto, o surfe, relaciona-se com as esferas do esporte, do trabalho e do consumo, mas igualmente emerge como prática da experimentação estética e da aventura como elemento constitutivo de um modo de vida particular. Interage de modo variado de acordo com o contexto sociocultural no qual os sujeitos estão situados. O surfista se insere, portanto, de modo incisivo na paisagem urbana, fazendo do litoral um espaço onde se manifestam diferenciados usos e sensações.

Referências

Bibliografia

- BRANDÃO, Leonardo. **A introdução dos esportes californianos no Brasil**: apontamentos para o início de uma discussão. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 327-348, jan./jun. 2009.
- COURTINE, Jean Jaques. *Os stakhanovistas do narcisismo*. Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. Trad. Mariluce Mora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- FISCHLER, Claude. *Obeso benigno, obeso maligno*. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. Trad. Mariluce Mora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- NOGUEIRA, André Aguiar. **Surfando nas ondas do Titanzinho**: Corpo, natureza, memória e cultura em Fortaleza (1960-2010). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. Trad. Mariluce Mora. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Corpo, Ética e Cultura*. In: **O corpo e o lúdico**: Ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Corpos de passagem**. Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia e BRANDÃO Leonardo. **Voga esportiva e artimanhas do corpo**. Movimento: Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

Fontes

Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>. Acesso em 14 de janeiro de 2013.

Dicionário: <http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/surf>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

Data Surfe: <http://www.datasurfe.com.br/2008/09/duke-kahanamoku-1890-1968.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2012.

Revista Hard Core, ano 15, edição 182, março de 2007.

Recebido em: 15 de dezembro de 2015.

Aprovado: 18 de fevereiro de 2016.